



---

**SEGUNDO DOMINGO DO NATAL**  
(04/01/04)

**1ª leitura (Antigo Testamento): Jeremias 31:7-14**

O profeta Jeremias atuou no século 6<sup>o</sup> aC. alguns anos antes e alguns anos depois da queda de Jerusalém e a destruição do Templo por parte do Império Babilônico. Jeremias era natural de Anatote onde houve numa época um santuário dedicado a Javé que era cuidado por sua família (cf. 1:1, seu pai era Hilquias, um dos sacerdotes de Anatote). No entanto mesmo na sua cidade natal havia uma elite que tinha se afastado de Javé (cf. 11:21-23). A origem de Jeremias tem grande influência na sua vocação profética (cf. 1:5-6).

Jeremias percebe que o Império Babilônico é uma ameaça real contra Judá e sente-se chamado para advertir as elites da capital do país, que tinham poder de decisão, sobre o perigo que vinha do Norte (cf. 3:12; 4:5-6; 6:1,22). No entanto a teologia da eleição incondicional dos sacerdotes e profetas de Jerusalém levava a crer que nada de mau poderia acontecer à cidade onde fica a Casa de Javé (cf. 14:15).

Ele foi criado no ensinamento e na adoração levítica a Javé e quando via os desmandos feitos pelas elites de Jerusalém era possuído de uma santa indignação que literalmente fervia no seu interior (cf. 20:7-13). Jerusalém devia ser o santuário por excelência, o lugar onde a vontade do SENHOR devia ser mais claramente compreendida e a presença de Deus mais fortemente sentida, no entanto Jeremias via e ouvia tudo o contrário: os poderosos juram por muitas divindades e vivem uma vida devassa e sem ética (cf. 5:4-8; 7:18-20); profetas que falam o que os poderosos querem ouvir (cf. 1:8 e 5:13-14,31); os mais ricos fomentam tudo tipo de injustiças contra os mais pobres (cf. 7:5-6).

Finalmente os inimigos chegam, Jerusalém cai, e Jeremias vê confirmados o temor que várias vezes o tinha levado a interceder a Javé em favor do seu povo (13,7 - 14,22). O texto deste domingo refere-se ao momento imediatamente posterior ao exílio das elites de Jerusalém. Jeremias anuncia que, agora que reconheceram sua culpa e sofrem a consequência das suas injustiças, ainda há esperança para os exilados e para todos os judeus. A palavra traduzida por Almeida como "*ainda*" (*'aod*) pode ser entendida como "*novamente*", isto é, que a aliança poderá ser refeita (31:4-5). Esse novo povo reunirá também gente pobre, gente fraca, gente grávida de vida (31:8). Será este um dia de júbilo (31:7,12-13), dia de libertação dos prisioneiros dos poderosos (31:11), dia de fartura para todo o povo (31:14). Um belo sonho que emerge da santa indignação contra o engano, a injustiça e a mentira. Um



sonho construído sobre o alicerce da verdade, da fidelidade e da justiça. É assim que construímos nossos sonhos ou apenas proclamamos verdade poeticamente belas e historicamente vazias que lavam as consciências das elites e viram as costas ao sofrimento e alienação espiritual do povo, como aqueles denunciados pelo profeta?

### **2ª leitura (Epístola): Efésios 1.3-6, 15-19a**

Certamente a seleção do texto, deixando de fora os vers. 7-14 obedecem ao tema do Natal: o louvor a Deus que enviou o seu Filho para que nos tornássemos semelhantes a Ele em amor.

“Bendito seja” (vers. 3). Bendizer a Deus é um ato de ação de graças (dar graças) e louvor. Essa gratidão é motivada pela bênção do Espírito Santo descrita nos versos que se seguem: a decisão tomada por Deus, em sua bondade, de tornar-nos seus filhos e filhas adotivos, participantes da glória de Deus, antes de todas as coisas, como plano eterno e não como alguma coisa da última hora. Assim como não houve tempo em que o Verbo não estivesse com Deus (João 1.2), não houve também momento em que a humanidade não fosse consideração divina. Tal é a base de nossa bênção. E a bênção está em sermos participantes do seu louvor em seu Filho amado (v.6).

Por que bênção “nos lugares celestiais” e não na terra onde carecemos urgentemente da bênção de Deus? A pista para o sentido desses termos se encontra no versículo 20 (“...o fez sentar à direita de Deus nos céus, bem acima de toda autoridade...”, isto é, de quaisquer rivais imagináveis). A elevação de Jesus Cristo à direita do Pai por meio da ressurreição tem como pano de fundo o Salmo 110. A mão de Deus é equacionada com sua atividade poderosa e a direita é a posição de autoridade. É interessante observar o último verso do Salmo 109 - “ele (Deus) se põe à direita do pobre”). A direita significa a proteção salvadora que Deus oferece aos necessitados.

Noi versículo 15, o autor passa do louvor e da doxologia para a ação de graças por causa da fé e do amor fraterno operantes (todos os santos, irmãos, sem discriminação) na Igreja de Éfeso. A ação de graças. Com efeito, fomos destinados à fraternidade. Essa fraternidade constrói uma comunidade de sabedoria e esperança. A sabedoria está no mistério do amor de Deus e no reconhecimento das limitações humanas. O louvor a Deus reconhece a necessidade da sabedoria que vem de Deus e do fortalecimento na esperança para a qual fomos chamados. O Natal é ocasião para festejarmos uma nova fraternidade (Dom Sumio Takatsu)

### **Santo Evangelho: Lucas 2.41-52**



O evangelho de hoje nos dá a única informação bíblica a respeito da adolescência de Jesus (embora haja outras narrativas que podem ser encontradas no evangelho apócrifo de Tomé 2.1, 10.1 e 17.1). A narrativa de Lucas e as de Tomé são semelhantes em sua intenção teológica: acentuar o mistério que cercava a vida de Jesus desde a infância e o poder de Deus que agia nele (nas narrativas de Tomé, Jesus ainda menino faz milagres, ressuscita mortos, purifica águas de riachos, modela pássaros de argila e cura enfermos. Mas também brinca com os outros meninos e é repreendido por anciãos por se divertir no sábado). O texto de hoje mostra que essa característica contestadora e o mistério que cercava a vida de Jesus, já o acompanhavam desde a infância, dando-lhes ousadia e sabedoria que espantavam os doutores e maravilhavam até mesmo seus pais.

O texto afirma claramente que Jesus se permaneceu deliberadamente em Jerusalém sem o consentimento de seus pais. Quando estes, no caminho de volta a Nazaré, deram por sua falta, retornaram a Jerusalém e encontraram-no no templo, entre os doutores “ouvindo-os e interrogando-os”. Menciona-se pela primeira vez a admiração que ele causava, não só entre os doutores, mas em seus próprios pais (v.47-48a). É o início de um processo que se tornará mais visível durante o seu ministério. O evangelista Lucas enfatiza várias vezes a admiração que Jesus causava (4.14, 22, 37; 5.26, etc). A inserção dessa narrativa acentua o fato de que Jesus, desde cedo já se revelava como alguém especial, que confundia muitos e que confirmava as palavras ditas pelo velho Simeão: “este menino está destinado...para ser alvo de contradição”). De fato, quando Jesus responde que estava “na casa de seu Pai” (referindo-se ao Templo), os próprios pais de Jesus não compreendem o que ele lhes dissera (vers. 50). Maria, mais uma vez é mencionada como exemplo da pessoa que, mesmo sem entender plenamente o mistério que cercava a vida de seu filho, “guardava todas estas coisas no coração” (v.51).

Como José e Maria, muitas vezes nós também não compreendemos as ações de Deus e o mistério do Cristo. Jesus continua nos surpreendendo. Porém, a fé não é regida pela lógica da compreensão intelectual das coisas, e sim pela proximidade com Jesus. Algumas vezes realmente ouvimos as palavras do Evangelho, o sermão do monte, parábolas, discursos ou ensinamentos de Jesus e ficamos sem entender muito bem a que se referem ou como aplicá-las à vida. No texto de hoje, Maria nos dá um exemplo que merece ser seguido: mesmo sem compreender tudo, é preciso guardar certas coisas “no coração”. A fé cristã não se baseia na lógica ou na compreensão, mas sobretudo na disposição e na vontade de permanecer com Cristo.

Outra linha que a homilia pode seguir é destacar o versículo 53: “crescia Jesus em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos homens” para falar



dos direitos de toda criança. Aqui são citadas três dimensões de igual importância que reforçam a integralidade da vida: o crescimento físico saudável (“crescia em estatura”), o desenvolvimento das faculdades cognitivas (“sabedoria” que, biblicamente, não se trata apenas da vida intelectual, mas do que hoje se chama “inteligência emocional” ou “equilíbrio psíquico”) e o desenvolvimento da vida religiosa (“graça” – a relação saudável com Deus, indispensável à plena realização de um ser humano).

A liturgia deste domingo pode nos inspirar a fazermos uma “resolução de ano novo” – que em 2004 estejamos mais abertos a nos maravilharmos com as surpresas inesperadas que Deus nos reserva; que não nos afastemos de Jesus, como fizeram seus pais; que, mesmo que nos afastemos e nos sintamos aflitos, voltemos em sua procura; que guardemos no coração tudo aquilo que ainda não nos é dado compreender; e que busquemos para nós e para outros, um crescimento integral em todas as dimensões da vida. (Carlos Eduardo B. Calvani).